[english version bellow]

Egiptomania

A memória do Nilo faraónico fixou-se na História através das indeléveis marcas culturais que dela irradiaram para as restantes civilizações que lhes eram conhecidas, prolongando-se cronológica e geograficamente além da sua existência, até à atualidade.

Desde a literatura clássica de Heródoto, Plínio (o Velho) ou Plutarco, ao mundo helénico de Alexandre o Grande e do Egipto Ptolomaico, posteriormente integrado no Império Romano e consagrando-se no mundo judaico-cristão através dos Velho e Novo Testamentos, seguindo-se o domínio islâmico dos Califados muçulmanos e do Império Otomano, o fascínio pelo Egipto permaneceu no imaginário de diversas civilizações, exponenciando-se no século XVIII. É então que o Egipto alcança, progressivamente, alguma autonomia do poder Otomano, estabelecendo novas pontes de contacto com potências europeias como França e Inglaterra, que ao longo dos seguintes séculos seguintes aproveitariam as convulsões internas da região para nela se fixarem através de investimentos estratégicos e campanhas militares.

Será essa renovada presença ocidental no Nilo, imbuída de preceitos iluministas, colonialistas e também de uma renovada consciência científica – implícita às suas necessidades militares e estratégicas –, que irá reintroduzir referentes egípcios na cultura europeia, galvanizando assim os movimentos artísticos revivalistas vigentes.

Isis e Hórus
664-630 a. C.
Cobre
19,6 x 6,6 x 7,3 cm
Estados Unidos da América
Metropolitan Museum of Art

O deslumbramento pelo mundo egípcio atesta-se pelos vestígios de síntese cultural entre civilizações, desde a incorporação do panteão egípcio pelo mundo greco-romano e cristão, como nos demonstram os templos de Isis em Erétria ou Pompeia, ou a própria proximidade entre a deusa Isis e a Virgem Maria, mas também a apropriação de modelos artísticos e arquitetónicos, evidentes na estatuária

da Villa de Adriano – particularmente nas representações egipcizantes do seu companheiro Antínoo –, na pirâmide romana de Céstio ou nos vários obeliscos transportados e reerguidos nas principais capitais da Europa.

A redescoberta das cidades romanas de Pompeia e Herculano, na Campânia, região contemplada no habitual itinerário do *Grand Tour*, foi fundamental para o desenvolvimento da História da Arte e em particular para o revivalismo clássico. Este mesmo revivalismo integrou também novas reinterpretações da linguagem artística egípcia, ainda que estudiosos como Johann Winckelman (1717-1768), impulsionador do pensamento Neoclássico, a preterissem em detrimento da arte de matriz grega. A arte funerária foi particularmente permeável à influência dos modelos egípcios, cuja presença na paisagem romana se impunha e influenciara já no século XVI construções como os túmulos da capela Chigi, obra de Rafael (1483-1520), posteriormente concluídos por Bernini (1598-1680) na segunda metade do século XVII. Este mesmo escultor foi posteriormente responsável pela integração de um obelisco egípcio na sua estátua de elefante na Praça de Minerva em Roma.

No século seguinte, Antonio Canova (1757-1822), artista que visitara as ruínas da Pompeia e Herculano, viria a projetar o seu próprio túmulo (concretizado pelos seus discípulos, uma vez que havia sido concebido inicialmente como túmulo de Ticiano) e o de Maria Cristina da Áustria utilizando como elemento principal a pirâmide, à qual se justapõem grupos escultóricos de matriz grega.

Monumento funerário de Maria Cristina de Áustria (projeto)
Antonio Canova
1798
Gesso
5, 74 m (alt.)
Itália
Museo Gypsotheca Antonio Canova

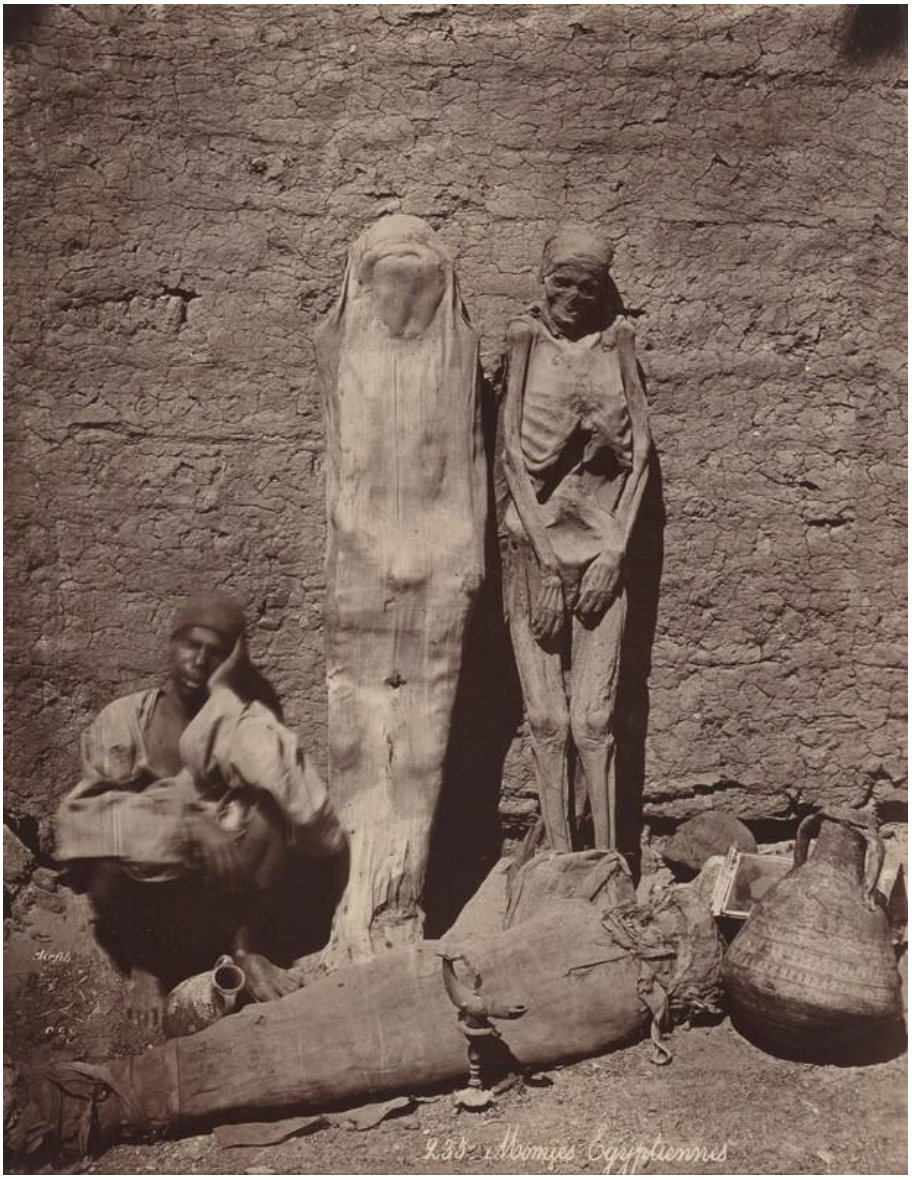
Mas outras artes vão demonstrando o crescente gosto pelo imaginário egípcio em composições ecléticas, desde a gravura, com particular destaque para Piranesi (1720-1778) pelas suas vistas de Roma ou elementos decorativos, das quais sobressaem uma evidente valorização de elementos egipcizantes; à ourivesaria, encontrando uma das suas expressões maiores no Altar Apis, da autoria de Johann Melchior Dinglinger (1664-1731); à pintura decorativa, como o caso dos tetos da Sala dos Papiros no Vaticano, encomendados pelo cardeal Alessandro Albani à mão de Anton Raphael Mengs (1728-1779); ou ainda à Opera, como no caso da Flauta Mágica, composta por Mozart (1756-1791), de gosto reconhecidamente orientalizante e libreto escrito por Schikaneder (1751-1812), ambos iniciados na Maçonaria, instituição para a qual o caráter exótico e esotérico do Egipto foi particularmente apelativo.

Altar Apis
Johann Melchior Dinglinger
1731
Prata, ouro, gemas, esmalte
1, 95 m (alt.)
Alemanha
Historisches Grünes Gewölbe

Em termos literários, é também necessário destacar, desde logo, a obra *L'Antiquité expliquée et représentée en figures* de Bernard Mountfaucon (1655-1741), figura cimeira da proto-arqueologia e que divulgava assim, com ilustrações, destaques da paisagem egípcia; nesse mesmo sentido, mas focando especificamente a paisagem egípcia, Frederic Louis Norden (1708-1742) publica, entre outras obras, *Voyage d' Egypte et de Nubie*, na qual integra um conjunto de desenhos da sua autoria que constituem ainda uma base iconográfica fundamental para a caracterização do Egipto do séc. XVIII; semelhante papel deteve também Richard Pococke (1704-1765), com a obra *Description of the East and Some other Countries*. Mas na sequência da campanha militar de Napoleão ao Egipto (1798), acompanhada por cerca de 160 cientistas, será publicada já em 1809 a obra ilustrada *Description de l' Egypt*, cuja vasta divulgação veio generalizar um renovado gosto pelos objetos egípcios, cujo

desenvolvimento e generalização resultou no fenómeno denominado por Egiptomania. Nos séculos XIX e XX o impacto visual das paisagens egípcias tornar-se-ia cada vez mais evidente, não apenas através de gravuras e pinturas produzidas por artistas viajantes, como David Roberts (1796-1864), Charles Wilda (1854-1907) ou Enrique Casanova (1850-1913), mas também pelo advento da fotografia, que se comercializou como souvenir a partir da década de 1850 e primeiramente representada para o caso egípcio pelas fotografias de António Beato (1835-1906), Félix Bonfils (1831-1885) ou Maxime du Camp (1822-1894), algumas deste último produzidas durante a sua viagem com Flaubert (1821-1880) ao Oriente. Daí em diante, a presença literária do mundo egípcio foi-se cimentando com as sucessivas publicações de George Ebers (1837-1898) a partir do final de 1860 e pela vasta literatura orientalista que ao longo do século tinha despontado, da autoria de Gérard de Nerval (1808-1855), Gustave Flaubert ou Theóphile Gautier (1811-1872), entre muitos outros.

Aproximação do simum, Deserto de Guiza
David Roberts; Louis Haghe (lit.)
1842-1849
Litografia policromada
BROCKEDON, William; CROLY, George; HAGHE, Louis; ROBERTS, David (1855). **The Holy Land, Syria, Idumea, Arabia, Egypt, & Nubia**. Vol. VI. Londres: Day & Son



Aproximação do simum, Deserto de Guiza
Félix Bonfils
c. 1870
27.8 x 21.8 cm
Impressão em albumina
Estados Unidos da América
National Gallery of Art

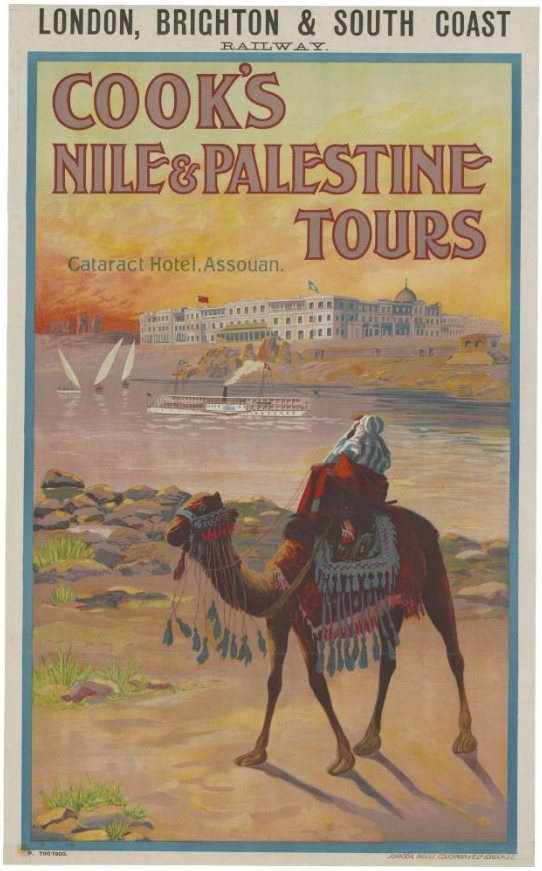
O interesse por artefactos egípcios que se verifica nas grandes coleções europeias, como as do Vaticano, a da família Farnese (séc. XVI), as dos cardeais Stefano Borgia e Alessandro Albani (séc. XVIII, esta última organizada na Vila Albani por Winckelman) ou a dos Reis de Nápoles – na sua maioria proveniente das escavações de Pompeia e Herculano na segunda metade do século XVIII –, prenunciava o despontar do crescente apelo pelos espólios

egípcios, que no século XIX atingem a sua maior valorização. A atitude rapinante de colecionadores estrangeiros – regulada internamente pelo governo egípcio – delapida alguns dos mais notáveis bens patrimoniais do Egipto, na busca por artefactos com que robustecer as suas próprias coleções privadas, ou as de patronos que subsidiavam as suas expedições (particulares ou institucionais). Henry Salt (1780-1827), cônsul-geral inglês no Egipto promoveu extensas escavações nas quais empregou Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), cujos espólios resultantes comercializava direta ou indiretamente, fornecendo coleções de, entre outros, o Museu Britânico, o rei de França ou John Soane (1753-1837). Outras expedições em que a índole científica e o caráter predatório (como hoje o podemos entender) se mesclavam continuaram a ser realizadas regularmente, das quais se destacam as de Champollion (1790-1832) ou de Rosselini (1800-1843) (ambos publicaram em conjunto a obra *Monuments de l'Égypte et Nubie*), de Karl Richard Lepsius (1810-1884) – que viria a tornar-se diretor do Museu de Berlim, que alberga uma relevante coleção egípcia – ou a de John Gardner Wilkinson (1797-1875), da qual resultaria o livro *Manners and Customs of the Ancient Egyptians*, uma das mais relevantes obras para a divulgação da cultura egípcia da segunda metade do século XIX. Contudo, é igualmente relevante refletir sobre o destino de muitos dos vestígios integrados em Museus, no seguimento destas expedições, se os mesmos não se tivessem recolhido e preservado por essas instituições.

A primeira tentativa de preservação de artefactos no país resulta da atuação do vice-rei do Egipto, Muhammad Ali (1805-1848), que decretou a criação de um museu de antiguidades no Cairo em 1835, bem como pela proibição de escavações e exportação de artefactos sem autorização prévia de Rifa'a al-Tahtawi (1801-1873), então responsável pela conservação dos monumentos egípcios. Contudo, em 1855, grande parte da coleção do referido museu seria oferecida pelo governo egípcio ao Arquiduque da Áustria e Imperador do México, Maximiliano (1832-1867). Seria fundado um novo Museu em 1863, o Museu de Bulak, no Cairo, por Auguste Mariette (1821-1881). Egiptólogo francês, inicialmente agente e curador do Museu do Louvre, viria a fixar-se no Egipto a partir de 1858, dedicando-se à preservação do património egípcio no país e contrariando a atitude rapinante de outros

colecionadores, que o próprio governo egípcio regulava. Surgia assim uma renovada consciência patrimonial e museológica para a preservação destes artefactos no país.

Paralelamente, também o comércio local de antiguidades (por vezes complementado pelo de falsificações) floresceu com o crescente fluxo turístico, fruto das novas vias de circulação, como o caminho de ferro, que tornavam cada vez mais apetecível e cómoda a viagem até ao Nilo, já que desde 1856 existia uma ligação ferroviária entre Cairo e Alexandria, organizada pelo engenheiro inglês Robert Stephenson (1803-1859). No mesmo ano em que se inaugura o Canal do Suez (1869), concessionado à Companhia liderada pelo diplomata francês Ferdinand de Lessepes, Thomas Cook (1808-1892), famoso agente de viagens, realiza uma primeira viagem pelo Nilo, antecipando a criação de um dos vários *tours* garantidos pela sua agência.



Poster publicitário da firma Thomas Cook, viagem pelo Nilo e Palestina
c. 1870 (1ª impressão)
63,5 x 99 cm
Litografia polícroma
Impresso por Johnson, Riddle, Couchman & Cº. Ltd., Londres

Muitos dos artefactos recolhidos em viagens ao Egipto viriam posteriormente a ser comercializados de diversas formas, desde vendas particulares, através de agentes comerciais ou em vendas de casas de leilões. O caso de Henry Wallis (1830-1916) é exemplo paradigmático desse novo tipo de comerciante, adquirindo peças e servindo de intermediário para colecionadores, notabilizando-se pela edição de catálogos das peças que tinha para venda a partir da década de 80 do século XIX. Um importante comprador foi o reverendo William MacGregor (1848-1937), cuja estadia no Egipto na mesma década lhe despertara o interesse por essa civilização, tendo constituído uma notável coleção de artefactos que, em parte, viria a vender num leilão organizado em 1921 pelo Burlington Fine Arts Club. Um conjunto de 16 peças viria a ser adquirido por Calouste Gulbenkian (1869-1955), no qual se incluía uma cabeça de Senuseret III, em obsidiana, ganha em licitação ao 5.º conde de Carnarvon (1866-1923) – que participava sob aconselhamento de Howard Carter (1874-1939) – atualmente em exposição no Museu da Fundação Gulbenkian.

Também em Portugal permaneceram alguns vestígios da influência da civilização egípcia, destacando-se desde logo os artefactos que em diversas intervenções arqueológicas são descobertos, como escaravelhos e outros objetos de uso pessoal e apotropaico. Outros exemplos notórios consistem, em primeira instância, na literatura resultante das incursões portuguesas no Oriente, movidas pelas riquezas comerciais da Índia e pelo apelo místico e cristianizante de terras e civilizações desconhecidas ou esquecidas, como o elusivo reino do Preste João. O relato de António Tenreiro (c. 1500-c.1560) da sua viagem de Goa ao Nilo (c. 1530), composto com basilar fundamentação nos textos católicos, relata os vestígios bíblicos que o mundo oriental lhe permite discernir. Não perde, contudo, a oportunidade para referir nas proximidades de Bulak os «edifícios de pedraria lavrados de pedras muito grandes […] me disseram que erão as sepulturas dos Reys daquelle tempo» ou as múmias «córpos dos mórtos mirrados […] os quaes cheirão muito bem» e que se vendiam na praça; também o relato da viagem entre Índia e Lisboa de Frei Gaspar de São Bernardino, franciscano, em 1611, alude ao Egipto, apesar de por lá não ter passado.

Posteriores referências literárias encontram-se no *Compêndio das Épocas e sucessos mais ilustres da História Geral* (1782), do clérigo António Pereira de Figueiredo (1725-1797),

ou no *Tratado Elementar de Geografia* (1835), de José de Urcullu (1790-1852). Outros relatos fundamentais resultam das viagens, em 1869, de Ricardo Guimarães, visconde de Benalcanfor (1830-1889) e do 5.º conde de Resende (1844-1876) e Eça de Queirós (1845-1900) – estes últimos viriam a cruzar-se inclusivamente com Mariette e a visitar o Museu de Bulak. Outras obras procuraram encontrar uma ligação quase mitológica entre os ritos egípcios e os cerimoniais maçónicos, como a *História da Franc-Maçonaria* (1843) de Miguel Dias (1805-1878), enquanto outras, mais tardias e imbuídas de um renovado sentido científico, teorizarão sobre a religiosidade dessa civilização – veja-se a *Philosophia Religiosa do Egipto* (1868) de António Enes (1848-1901) ou o *Systema dos Mithos Religiosos* (1895) de Oliveira Martins (1845-1894).

Pormenor da fachada do Teatro Thalia
Câmara Municipal de Lisboa

O apelo pela civilização egípcia também se manifestou noutras formas, sobretudo a partir do século XIX, destacando-se as esfinges que pontuam a entrada do Teatro Thalia, construção do extravagante conde de Farrobo (1801-1869), ou na evocação piramidal do

mausoléu dos duques de Palmela – projetado pelo cenógrafo maçon Giuseppe Cinatti (1808-1879) e albergando obras de outros maçons como Canova e os irmãos Teixeira Lopes (António 1866-1942; José 1872-1919) –, família cuja coleção particular integrava diversas peças egípcias; em escala mais reduzida, veja-se o cenotáfio oitocentista de António José Dias Lopes (?-1850), nas catacumbas da igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto, que recupera a forma do obelisco. Em 1867, Possidónio da Silva (1806-1896) havia adquirido na Exposição Universal de Paris um conjunto de peças egípcias, que integrara no Museu Arqueológico do Carmo, encetando colaborações com outros arqueólogos no terreno, inclusive com o próprio Auguste Mariette. Posteriormente, em 1893, a Sociedade de Geografia de Lisboa receberia um conjunto de cerca de 100 peças oferecidas pelo Museu de Guiza (sucessor do Museu de Bulak). Outras coleções, como a dos duques de Palmela, dos marqueses de Angeja (que no século XVIII haviam adquirido um sarcófago e múmia, vendido em 1840 ao duque de Palmela) e a da própria família real – resultante da visita de D. Amélia (1865-1951) e seus filhos ao Egipto em 1903, acompanhados pelo já mencionado pintor Casanova, e composta por cerca de 200 peças – viriam a integrar total ou parcialmente o Museu Nacional de Arqueologia, juntando-se às peças recolhidas por José Leite de Vasconcelos (1858-1941) em 1909, quando se deslocara ao Cairo para participar no Congresso de Arqueologia do Cairo.

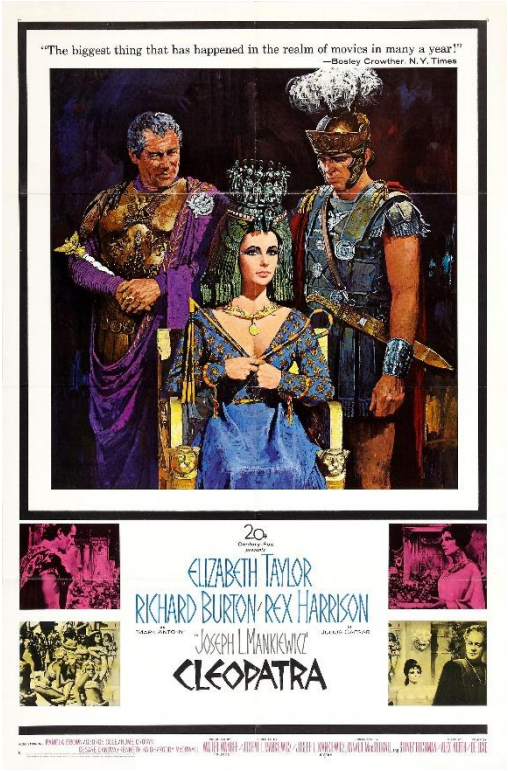
José Leite de Vasconcelos viria ainda a protagonizar um interessante episódio da museologia portuguesa, por ocasião da captura do navio alemão Cheruskia durante a I Guerra Mundial pela Marinha portuguesa, navio alemão em que seguiam 448 caixas de espólio arqueológico provenientes de escavações do Médio Oriente, sob a orientação do arqueólogo Walter Andrae (1875-1956). O debate nacional relativamente à devolução desse espólio após o término da Guerra prolongou-se até 1927, data em que se deferiu pelo seu retorno à Alemanha, decisão para a qual o arqueólogo alemão encontrou apoio em Leite de Vasconcelos, Vergílio Correia (1888-1944), Mendes Correia (1888-1960) e outras individualidades como Carolina Michaelis (1851-1925) ou Gertrude Bell (1868-1926). Do lado oposto, encontrava-se, por exemplo, Augusto Nobre (1865-1946), Professor e Reitor da Universidade do Porto e doador do Museu Municipal Azuaga.

Paralelamente às tendências europeias, também em Lisboa se irá representar a Ópera Aida, no Teatro de São Carlos, para cujas primeiras produções, nas últimas décadas de Oitocentos, terão contribuído diversos cenógrafos como Giuseppe Cinatti (1808-1879), Achille Rambois (1810-1882) ou Luigi Manini (1848-1936) – alguns dos respetivos cenários encontram-se preservados pelo Museu Nacional do Teatro.

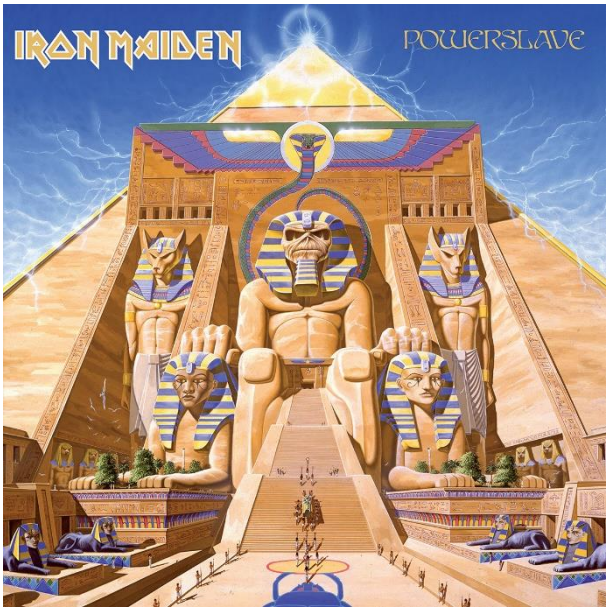
Aida
Representação do cenário do 4º ato
Xilogravura
Publicado in *O Occidente: revista illustrada de Portugal e estrangeiro*. Ano I, vol. I, nº 6 (15 de março 1878), pp. 44-45

Aida
Cenário para o 3º ato
Pintura sobre pano
c. 1880-1900
Possível autoria de Luigi Manini
Teatro Nacional São Carlos

Com a viragem para o século XX e a descoberta do túmulo inviolado de Tutankhamon por Howard Carter, o mundo egípcio ver-se-á envolto num inédito mediatismo globalizante, do qual resultará uma verdadeira generalização de temas egípcios ou egipcizantes nas várias facetas da cultura popular, extravasando o palco do teatro até à tela do cinema e muitos outros meios. Salientam-se as diversas produções de *Cleópatra*, protagonizadas desde Claudette Colbert (1934), a Sophia Loren (1954) e Elizabeth Taylor (1963), as inúmeras representações de múmias no cinema de pendor mais fantástico, filmes de animação infantil (Príncipe do Egipto, da DreamWorks, 1997), mas também na música, surgindo não apenas nos libretos e cenários de Óperas, mas em álbuns como, por exemplo, *Powerslave* (Iron Maiden, 1984), ou ainda na arquitetura contemporânea, como tão bem demonstram as pirâmides de vidro do Louvre (1989 e 1993).


"The biggest thing that has happened in the realm of movies in many a year!"
—Bosley Crowther, N.Y. Times
ELIZABETH TAYLOR
RICHARD BURTON · REX HARRISON
JOSEPH L. MANKIEWICZ
CLEOPATRA

Cleopatra
Cartaz de filme
Ilustração de Howard Terpning
1963



***Powerslave*, Iron Maiden**
Capa de álbum
Derek Riggs
1984

Egyptomania

The memory of the pharaonic Nile was fixed in history through the indelible cultural marks that radiated from it to other civilizations that were known to them, extending chronologically and geographically beyond its existence, until the present day.

From the classical literature of Herodotus, Pliny (the Elder) or Plutarch, to the Hellenic world of Alexander the Great and Ptolemaic Egypt, later integrated into the Roman Empire and consecrated in the Judeo-Christian world through the Old and New Testaments, followed by the Islamic domination of the Muslim Caliphates and the Ottoman Empire, the fascination with Egypt remained in the imagination of several civilizations. It was since the eighteenth-century that Egypt progressively achieved some autonomy from the Ottoman power, establishing new bridges of contact with European powers such as France and England, which over the following centuries would take advantage of the internal upheavals of the region to settle there through strategic investments and military campaigns.

This renewed Western presence on the Nile, imbued with Enlightenment and colonialist precepts and also with a renewed scientific awareness – implicit in its military and strategic needs – reintroduced Egyptian references into European culture, thus galvanizing the current revivalist artistic movements.

The fascination with the Egyptian world is attested by the traces of cultural synthesis between civilizations, from the incorporation of the Egyptian pantheon by the Greco-Roman and Christian world, as shown by the temples of Isis in Eretria or Pompeii, or the very proximity between the goddess Isis and the Virgin Mary, but also the appropriation of artistic and architectural models, evident in the statuary of Hadrian's Villa – particularly in the Egyptian-like representations of his companion Antinous –, in the Roman pyramid of Cestius or in the various obelisks transported and re-erected in the main capitals of Europe.

The rediscovery of the Roman cities of Pompeii and Herculaneum, in Campania, a region included in the usual itinerary of the *Grand Tour*, was essential for the development of Art History and in particular for the classical revival. This same revivalism also integrated new

reinterpretations of the Egyptian artistic language, although scholars such as Johann Winckelman (1717-1768), a promoter of Neoclassical thought, passed it over to the detriment of art of Greek origin. Funerary art was particularly permeable to the influence of Egyptian models, whose presence in the Roman landscape was imposed and had already influenced in the sixteenth century constructions such as the tombs of the Chigi chapel, the work of Raphael (1483-1520), later completed by Bernini (1598-1680) in the second half of the seventeenth century. This same sculptor was later responsible for the integration of an Egyptian obelisk into his elephant statue in Piazza di Minerva in Rome.

In the following century, Antonio Canova (1757-1822), an artist who had visited the ruins of Pompeii and Herculaneum, would design his own tomb (made by his disciples, since it had been initially conceived as Titian's tomb) and that of Maria Cristina of Austria using the pyramid as the main element, to which Greek-like sculptural groups are juxtaposed.

Other arts would demonstrate the growing taste for Egyptian imagery in eclectic compositions, from engraving, with particular emphasis on Piranesi (1720-1778) for his views of Rome or decorative elements, from which an evident appreciation of Egyptian elements stand out; to goldsmithing, finding one of its greatest expressions in the Apis Altar, by Johann Melchior Dinglinger (1664-1731); decorative painting, such as the ceilings of the Papyri Room in the Vatican, commissioned by Cardinal Alessandro Albani to Anton Raphael Mengs (1728-1779); or even the Opera, as in the case of *The Magic Flute*, composed by Mozart (1756-1791), with a recognizably orientalizing taste, and libretto written by Schikaneder (1751-1812), both initiated in Freemasonry, an institution for which the exotic and esoteric character of Egypt was particularly appealing.

In literary terms, it is also necessary to highlight, from the outset, the work *L'Antiquité expliquée et représentée en figures* by Bernard Mountfaucon (1655-1741), a leading figure in proto-archaeology and who thus disseminated, with illustrations, highlights of the Egyptian landscape; in the same sense, but focusing specifically on the Egyptian landscape, Frederic Louis Norden (1708-1742) published, among other works, *Voyage d' Egypte et de Nubie*, in which he included a set of drawings by him that also constitute a fundamental iconographic basis for the characterization of Egypt in the eighteenth-century; Richard Pococke (1704-1765)

also played a similar role with the work *Description of the East and Some other Countries*. But following Napoleon's military campaign in Egypt (1798), accompanied by about 160 scientists, the illustrated work *Description de l'Egypt* was published in 1809, whose wide dissemination generalized a renewed taste for Egyptian objects, whose development and generalization resulted in the phenomenon called Egyptomania. In the nineteenth and twentieth centuries the visual impact of Egyptian landscapes would become increasingly evident, not only through engravings and paintings produced by traveling artists, such as David Roberts (1796-1864), Charles Wilda (1854-1907) or Enrique Casanova (1850-1913), but also by the advent of photography, which was marketed as a souvenir from the 1850s and first represented for the Egyptian case by the photographs of António Beato (1835-1906), Félix Bonfils (1831-1885) or Maxime du Camp (1822-1894), some of the latter produced during his trip with Flaubert (1821-1880) to the East. From then on, the literary presence of the Egyptian world was cemented with the successive publications of George Ebers (1837-1898) from the end of 1860 and by the vast Orientalist literature that had emerged throughout the century, by Gérard de Nerval (1808-1855), Gustave Flaubert or Theóphile Gautier (1811-1872), among many others.

The interest in Egyptian artifacts that can be seen in the great European collections, such as those of the Vatican, that of the Farnese family (sixteenth-century), those of Cardinals Stefano Borgia and Alessandro Albani (eighteenth-century, the latter organized in Villa Albani by Winckelman) or that of the Kings of Naples – mostly from the excavations of Pompeii and Herculaneum in the second half of the eighteenth-century – foreshadowed the emergence of the growing appeal for Egyptian artifacts, which reached their highest value in the nineteenth-century. The rapacious attitude of foreign collectors – regulated internally by the Egyptian government – squanders some of Egypt's most notable heritage assets, in search of artifacts with which to strengthen their own private collections, or those of patrons who subsidized their expeditions (private or institutional). Henry Salt (1780-1827), the British consul-general in Egypt, carried out extensive excavations in which he employed Giovanni Battista Belzoni (1778-1823), whose resulting spoils he sold, directly or indirectly, to collections, among others, of the British Museum, the King of France or John Soane (1753-1837). Other expeditions in which the scientific nature and the predatory character (as we can understand it today) continued to

be carried out regularly, of which those of Champollion (1790-1832) or Rosselini (1800-1843) stand out (both jointly published the work *Monuments de l'Égypte et Nubie*), by Karl Richard Lepsius (1810-1884) – who would become director of the Berlin Museum, which houses a relevant Egyptian collection – or that of John Gardner Wilkinson (1797-1875), which would result in the book *Manners and Customs of the Ancient Egyptians*, one of the most relevant works for the dissemination of Egyptian culture in the second half of the nineteenth-century. However, it is equally relevant to reflect on the fate of many of the remains integrated in Museums, following these expeditions, if they had not been collected and preserved by these institutions.

The first attempt to preserve artifacts in the country resulted from the actions of the viceroy of Egypt, Muhammad Ali (1805-1848), who decreed the creation of a museum of antiquities in Cairo in 1835, as well as the prohibition of excavations and exports of artifacts without prior authorization from Rifa'a al-Tahtawi (1801-1873), then responsible for the conservation of Egyptian monuments. However, in 1855, a large part of the museum's collection would be offered by the Egyptian government to the Archduke of Austria and Emperor of Mexico, Maximilian (1832-1867). A new museum was founded in 1863, the Bulak Museum in Cairo, by Auguste Mariette (1821-1881). A French Egyptologist, initially an agent and curator of the Louvre Museum, he would settle in Egypt from 1858, dedicating himself to the preservation of Egyptian heritage in the country and contradicting the rapacious attitude of other collectors, which the Egyptian government itself regulated. Thus, a renewed heritage and museological awareness for the preservation of these artifacts in the country emerged.

At the same time, the local antiquities trade (sometimes complemented by forgeries) also flourished with the growing tourist flow, as a result of new circulation routes, such as the railway, which made the journey to the Nile increasingly attractive and comfortable, since from 1856 there had been a railway connection between Cairo and Alexandria, organized by the English engineer Robert Stephenson (1803-1859). In the same year that the Suez Canal was inaugurated (1869), concessioned to the Company led by the French diplomat Ferdinand de Lessepes, Thomas Cook (1808-1892), the famous travel agent, made his first trip down the Nile, anticipating the creation of one of several *tours* guaranteed by his agency.

Many artifacts collected on trips to Egypt would later be traded in various ways, from private sales, through commercial agents or auctions. The case of Henry Wallis (1830-1916) is a paradigmatic example of this new type of merchant, acquiring pieces and serving as an intermediary for collectors, notable for publishing catalogs of pieces he had for sale from the 1880s onwards. One important buyer was Reverend William MacGregor (1848-1937), whose stay in Egypt in the same decade had awakened his interest in this civilization, having built up a remarkable collection of artifacts that, in part, he would sell at an auction organized in 1921 by the Burlington Fine Arts Club. A set of 16 pieces would be acquired by Calouste Gulbenkian (1869-1955), which included a head of Senuseret III, in obsidian, won in a bid against the 5th Earl of Carnarvon (1866-1923) – who participated by advice of Howard Carter (1874-1939) – currently on display at the Gulbenkian Foundation Museum.

In Portugal, some traces of the influence of Egyptian civilization remained, mostly through artifacts that are discovered in various archaeological interventions, such as scarabs and other objects of personal and apotropaic use. Other notorious examples consist in literature resulting from the Portuguese incursions into the East, driven by the commercial riches of India and the mystical and Christianizing appeal of unknown or forgotten lands and civilizations, such as the elusive kingdom of Prester John. The account of António Tenreiro (c. 1500-c.1560) of his journey from Goa to the Nile (c. 1530), composed with ample usage of Catholic texts, relates the biblical remains that the Eastern world allowed him to discern. However, he did not miss the opportunity to mention in the vicinity of Bulak the «stone buildings carved from very large stones [...] I was told that they were the graves of the Kings of that time" or the mummies "withered corps of the dead [...] which smell very good» and which were sold in the market square; the account of the journey between India and Lisbon by Friar Gaspar de São Bernardino, a Franciscan, in 1611, alludes to Egypt, although he did not pass through there.

Later literary references can be found in *the Compendium of the Most Illustrious Epochs and Successes of General History* (1782), by the cleric António Pereira de Figueiredo (1725-1797), or in the *Elementary Treaty of Geography* (1835), by José de Urcullu (1790-1852). Other fundamental accounts result from the travels, in 1869, of Ricardo Guimarães, Viscount of Benalcanfor (1830-1889) and the 5th Count of Resende (1844-1876) and Eça de

Queirós (1845-1900) – the latter would even cross paths with Mariette and visit the Bulak Museum. Other works sought an almost mythological connection between Egyptian rites and Masonic ceremonials, such as the *History of Freemasonry* (1843) by Miguel Dias (1805-1878), while others, imbued with a renewed scientific sense, theorized about the religiosity of this civilization – such as the *Philosophia Religiosa do Egipto* (1868) by António Enes (1848-1901) or the *Systema dos Mithos Religiosos* (1895) by Oliveira Martins (1845-1894).

The appeal of the Egyptian civilization also manifested itself in other forms, especially from the nineteenth-century onwards, as revealed by the sphinxes that punctuate the entrance to the Thalia Theater, built by the extravagant Count of Farrobo (1801-1869), or in the pyramidal evocation of the mausoleum of the Dukes of Palmela – designed by the Freemason set designer Giuseppe Cinatti (1808-1879) and housing works by other Freemasons such as Canova and the Teixeira Lopes brothers (António 1866-1942; José 1872-1919) –, a family whose private collection included several Egyptian pieces; on a smaller scale, see the nineteenth-century cenotaph by António José Dias Lopes (?-1850), in the catacombs of the church of the Venerable Third Order of Saint Francis of Porto, which recovers the shape of the obelisk. In 1867, Possidónio da Silva (1806-1896) had acquired a set of Egyptian pieces at the Universal Exhibition in Paris, which he had integrated into the Carmo Archaeological Museum, establishing collaborations with other archaeologists in the field, including Auguste Mariette himself. Later, in 1893, the Lisbon Geographical Society would receive a set of about 100 pieces offered by the Museum of Guiza (successor to the Bulak Museum). Other collections, such as those of the Dukes of Palmela, the Marquises of Angeja (who in the eighteenth century had acquired a sarcophagus and mummy, sold in 1840 to the Duke of Palmela) and that of the royal family itself – resulting from the visit of D. Amélia (1865-1951) and her children to Egypt in 1903, accompanied by the aforementioned painter Casanova, and consisting of about 200 pieces – would become totally or partially part of the National Museum of Archaeology, joining the pieces collected by José Leite de Vasconcelos (1858-1941) in 1909, when he participated in the Cairo Archaeology Congress.

José Leite de Vasconcelos would also star in an interesting episode of Portuguese museology, on the occasion of the capture of the German ship Cheruskia during World War I

by the Portuguese Navy, a German ship in which 448 boxes of archaeological findings from excavations in the Middle East, under the guidance of archaeologist Walter Andrae (1875-1956). The national debate regarding the return of this collection after the end of the war lasted until 1927, when it was deferred to return to Germany, a decision for which the German archaeologist found support in Leite de Vasconcelos, Vergílio Correia (1888-1944), Mendes Correia (1888-1960) and other individuals such as Carolina Michaelis (1851-1925) or Gertrude Bell (1868-1926). On the opposite side, there was, for example, Augusto Nobre (1865-1946), Professor and Rector of the University of Porto and donor of the Azuaga Municipal Museum.

In parallel with European trends, the Aida Opera would also be performed in Lisbon, at the Saint Charles Theatre, to whose first productions, in the last decades of the nineteenth century, several set designers such as Giuseppe Cinatti (1808-1879), Achille Rambois (1810-1882) or Luigi Manini (1848-1936) would contribute – some of the respective sets are preserved by the National Theatre Museum.

With the turn of the twentieth century and the discovery of Tutankhamun's tomb by Howard Carter, the Egyptian world found itself enveloped in an unprecedented globalizing media coverage, which resulted in a true generalization of Egyptian or Egyptian-like themes in various facets of popular culture, spilling over from the theatre stage to the cinema screen and many other media. Of note are the various productions of *Cleopatra*, starring Claudette Colbert (1934), Sophia Loren (1954) and Elizabeth Taylor (1963), the numerous representations of mummies in the most fantastic cinema, children's animated films (Prince of Egypt, DreamWorks, 1997), but also in music, appearing not only in the librettos and sets of Operas, but in albums such as, for example, *Powerslave* (Iron Maiden, 1984), or even in contemporary architecture, as the glass pyramids of the Louvre (1989 and 1993) so well demonstrate.